

O ESPAÇO LITÚRGICO CELEBRATIVO COMO LUGAR DE COMUNICAÇÃO DO MISTÉRIO

THE LITURGICAL SPACE FOR CELEBRATION AS A PLACE FOR COMMUNICATING THE MYSTERY

*Alan Carlos Pereira**

Resumo: De diversos modos, o homem buscou expressar e comunicar sua crença no Sagrado, no Eterno. Desde os tempos mais primitivos, lugares de culto foram edificados, separando dois modos de comunicar: o que poderíamos pensar como comunicação sagrada e comunicação profana. Em algum lugar do tempo, em sua efemeridade, o homem desejou expressar em palavras, códigos, símbolos e arquitetura aquilo que é inaudito pelo mistério. Pela fé Cristã, crê-se que foi da vontade de Deus revelar-se e comunicar seus desígnios e, que nessa mesma fé, encontra-se o mais alto grau de comunicação pela Palavra que se fez carne. Pela imagem visível do Deus invisível em Jesus, o homem, como ouvinte e intérprete da comunicação, teve oportunidade de comunicar através de espaços de celebração e de símbolos este mistério que o atravessa.

Palavras-chave: Comunicação. Espaço litúrgico. Mistério. Palavra. Jesus Cristo.

Abstract: Throughout history, humanity has sought to express and communicate its belief in the Sacred, in the Eternal. Since the earliest times, places of worship have been erected spaces that mark a distinction between two modes of communication: what we might call sacred communication and profane communication. At some point in time, within the limits of his own transience, the human being desired to express through words, codes, symbols, and architecture that which remains unheard the ineffable mystery. According to the Christian faith, it is believed that God willed to reveal Himself and communicate His divine purposes; and that within this same faith lies the highest form of communication the Word made flesh. Through the visible image of the invisible God in Jesus, the human being, as listener and interpreter of this communication, found the possibility to communicate, through spaces of celebration and through symbols, the mystery that permeates and transcends him.

Keywords: Communication. Liturgical space. Mystery. Sacred word. Jesus Christ.

Introdução

Desde os tempos imemoriais, o ser humano busca de algum modo comunicar-se por meio de linguagem, símbolos, códigos e outros artifícios. Os indivíduos buscam relacionar-se,

* Aluno do curso de pós-graduação em Mestrado Profissional em Teologia Prática pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Graduado em Filosofia pela Faculdade Católica de Uberlândia e em Teologia pela Faculdade de Filosofia e Teologia Jesuíta (FAJE). Pós-graduado em Psicopedagogia do Ensino e da Aprendizagem pela Faculdade Claretiano de Batatais. Pós-graduado em Arquitetura e Arte Sacra do Espaço Litúrgico pela Faculdade São Basílio Magno (FASBAM).

criando identidade, articulando-se em sociedade, formando ambientes de cultura e religiosidade.

Existem elementos fundamentais que formam a base de qualquer processo comunicativo. Retiramos para nossa pesquisa o que nos pareceu pertinente dos elementos da comunicação a partir de estudo do artigo de Santee e Temer, publicado na Revista Ensino, Educação e Ciências Humanas ISSN 2447-8733 (2011, p. 79) sobre a forma clássica proposta pelo linguista e teórico literário Roman Osipovich Jakobson que, em 1960, publicou um ensaio na revista *Style in Language*, com conceitos já utilizados anteriormente por ele, mas neste artigo em questão sistematiza e deixa mais clara suas ideias (*apud* Santee e Temer, 2011):

O Remetente envia uma mensagem ao Destinatário. Para ser eficaz, a mensagem requer um contexto a que se refere (ou ‘referente’, em outra nomenclatura algo ambígua) apreensível pelo destinatário e que seja ou suscetível de verbalização; um código total ou parcialmente comum ao remetente e ao destinatário (ou, em palavras, ao codificador e ao decodificador da mensagem) e, finalmente, um contacto, um canal físico e uma conexão psicológica entre o remetente e o destinatário, que os capacite a ambos entrarem e permanecerem em comunicação.

Esta sistematização proposta por Jakobson (*apud* Santee e Temer, 2011) pareceu-nos pertinente para nossa análise da teologia da comunicação para assim detalharmos o papel dos atores da comunicação teológica. Um exemplo está nas sagradas escrituras: onde Deus seria o remetente, aquele que envia a mensagem em grande parcela das ações. Os patriarcas, profetas e o povo seriam os destinatários. Nesse contexto, poderíamos pensar nas diversas situações pertinentes para o povo de Deus e sua história de Salvação, como a criação, a escravidão, a busca pela terra, o exílio, o profetismo, o messianismo. A verbalização, os códigos e o fio condutor da comunicação são percebidos à medida que é desenvolvido o tema da comunicação na Bíblia.

1. Comunicação na Sagrada Escritura

A teologia da comunicação na Sagrada Escritura busca compreender como Deus revela-se e relaciona-se com a humanidade. Apresenta o dinamismo comunicativo de Deus, como em alguns textos e elementos que serão destacados.

A começar pelo Antigo Testamento, observamos, na teologia da criação, um Deus que usa a força de sua Palavra para criar todas as coisas. No capítulo 1 do livro de Gênesis, fica evidente essa Palavra que é, ao mesmo tempo, comunicadora, criadora, mas também signo de

um evento fundante. Por nove vezes, encontraremos nesse capítulo a expressão “Deus disse” ((BÍBLIA, 2002, Gn 1,3.6.9.11.14.20.24.26.29).

A teologia da Aliança é outra marca da ação comunicadora de Deus. Indivíduos são intermediários (ex. Abraão, Moisés), porta-vozes de uma mensagem relacional de Deus como emissário, tendo um intérprete e um povo receptor dessa proposta. Desse modo de comunicação, brota um estilo de vida, uma mudança de paradigma, um horizonte que pela fé é caminho de Salvação. O exemplo claro desse modelo de comunicação divina encontra-se nos capítulos 19 a 24 do livro de Êxodo. Moisés sobe até a montanha e, na presença de Deus, recebe a mensagem “Assim dirás à casa de Jacó e declararás aos filhos de Israel” (BÍBLIA, 2002, Êxodo 19:4-5). Aqui Moisés é destinatário da comunicação de Deus sobre sua aliança junto ao seu povo, mas torna-se também um intérprete e um mediador entre Deus e o povo.

O profetismo bíblico é outro exemplo de como Deus comunicou-se com o seu povo ao longo da história da Salvação. Por intermédio de homens que no meio do povo comunicam a esse mesmo grupo, muitas vezes de forma decodificada, uma mensagem transcendente, que apela para a conversão, a mudança de vida. Essas mensagens proféticas quase sempre chegam em forma de invectiva, como uma chamada de atenção. Temos como exemplo o Livro de Amós que, no primeiro capítulo de sua literatura, cita por aproximadamente nove vezes as expressões “assim diz o Senhor!” e “disse o Senhor!” (BÍBLIA, 2002, Am 1, 1-15). Outra forma de comunicação profética está na dimensão simbólica utilizada por alguns profetas, como forma de chamar atenção dos ouvintes e destinatários. Temos como exemplo o profeta Jeremias, a imagem da canga, do jugo (BÍBLIA, 2002, Jr 27,12). Outro profeta que exemplifica essa dimensão simbólica é o profeta Ezequiel no capítulo 27 com a imagem do vale de ossos secos.

A fé cristã entende que a expressão máxima da comunicação de Deus para com a humanidade acontece na plenitude dos tempos, quando o Filho de Deus assume nossa condição humana, fazendo-se homem (BÍBLIA, 2002, Gl 4,4). E como vimos em nossa reflexão até aqui, “Muitas vezes e de modos diversos falou Deus, outrora, aos pais pelos profetas; agora nestes dias que são os últimos, falou-nos por meio do Filho[...]” (BÍBLIA SAGRADA, 2002, Hb 1, 1-2). Jesus Cristo é a plena revelação de Deus Pai, Ele é “autocomunicação”, ou seja, em Cristo no seu mistério da Encarnação, de sua vida e no seu mistério pascal, encontramos o ápice do falar, do comunicar de Deus. O Cristo de Deus comunica a mensagem de Salvação através do todo de sua vida, entre gestos e palavras, símbolos e sinais.

1.1 Jesus Cristo: ápice da comunicação de Deus e os desdobramentos desta comunicação na arquitetura e arte sacra

Segundo a Constituição Dogmática *Dei Verbum* (DV, n.02), sobre a revelação divina, há a afirmação de que “Aprouve a Deus, em sua bondade e sabedoria, revelar-se a si mesmo e tornar conhecido o mistério de sua vontade” (cf. Ef 1,9) e ainda que este mesmo Deus “levado por seu grande amor, fala aos homens como a amigos” (cf. Ex 33,11; Jo 15,14-15) e, com eles, “se entretém (cf. Bar 3,38) para os convidar à comunhão consigo e nela os receber”.

É nesse sentido que, ao longo da história, os seguidores de Jesus de Nazaré, pela fé, o reconheceram como o Cristo enviado de Deus e comunicador da Nova e Eterna Aliança, decodificaram suas mensagens e interpretaram seus sinais, transformando esses elementos em desdobramentos de uma comunicação que conseguisse atender as demandas e realidades dos diversos momentos da história e sociedade, entre crises e processos organizacionais. Neste alongado bojo, encontramos a teologia como forma de comunicação, hermenêutica, liturgia e artes e, neste último elemento específico, aventa-se a seguinte hipótese: a arte sacra litúrgica e o espaço litúrgico celebrativo como lugar de comunicação do mistério.

A fé possui um caráter “memorial” e “profético”. É memorial no sentido que todo homem de fé recorda e atualiza, no presente, fatos que marcaram sua caminhada e dão sentido e significado para a história. Ela é profética porque deve ser encarnada, testemunhal, orientada para a vida e para o bem comum, devendo ser um clamor de esperança. Nesse sentido que, ao longo da história, as comunidades cristãs ergueram seus espaços de culto, inebriados pela fé, pela escuta da Palavra, pelo partir do Pão, movidos pelos gestos de alteridade e caridade que brotaram do sentimento do ser e do agir cristão.

O Ser humano vive em um constante êxodo, em peregrinação, em busca de sentido para a vida. Busca morada, aconchego e acolhimento, quer sentir que o chão que toca seus pés é terra santa, local sagrado (Ex 3,5).

O indivíduo está atravessado pela ideia de sagrado e profano. Portanto, cria, simbolicamente, lugares fora de si para serem marcos de sacralidade e para abastecerem sua sede de infinito. Esses lugares têm um caráter rememorativo, demonstrativo e prognóstico, ou seja, o evento de fé que irrompeu em um determinado momento da história é atualizado no presente e dá sentido e esperança para o futuro; afinal, o tempo, que ali se rege é o *Kairós*.

Aí, o peregrino vive a experiência de um mistério que o supera não só da transcendência de Deus, mas também da Igreja que transcende sua família e seu bairro. Nos santuários, muitos peregrinos tomam decisões que marcam suas vidas. As paredes dos santuários contêm muitas histórias de conversão, de perdão e de dons recebidos, que milhões poderiam contar. (DA, n.260)

Segundo o artista plástico Claudio Pastro, responsável pela concepção artística do Santuário Nacional de Aparecida, “a arte é o grande testemunho da vida, de geração em geração. Só através da arte, o homem faz memória e afugenta o carrasco do drama humano: o esquecimento” (PASTRO, 2016, p.45). E, além disso, a imagem é como um anel de um compromisso. A imagem é sinal de ‘algo mais’. Quando não há sinal, não há compromisso. Os espaços de celebração foram desenvolvendo-se ao longo da história do cristianismo com um dinamismo comunicacional próprio. Deus usa sinais sensíveis para revelar-se e comunicar. Por isso, a liturgia é feita também de sinais sensíveis. A presença real e viva de Jesus na Liturgia deve ser percebida e sentida como que de maneira palpável. O próprio espaço celebrativo deve comunicar essa presença.

Os espaços de celebração cristã foram em primeiro momento espaço de diálogo, ceia, comunicação familiar em torno do Evento Cristo e, em seus desdobramentos, foram também espaços de resistência frente aos perigos e desafios do não reconhecimento e perseguição. No primeiro século da era cristã, não havia bem definida uma estrutura de espaço litúrgico celebrativo como conhecemos atualmente ou que existiram em outros momentos da história do espaço sagrado cristão. Os espaços passam por um processo de evolução que acompanha a cultura, a arte, as questões sociais e simbólicas. Assim, a cada tempo, haverá de ter seu espaço que comunique o Mistério ao seu modo e necessidade. Assim nos ajuda a pensar o artigo Primeiras comunidades cristãs sob o olhar da Hermenêutica dos Espaços, de acordo com Frederico (2021, p. 4):

O espaço se constituiria no contexto específico frente à narrativa, pois seria um veículo direcionador da mensagem estabelecida ou da mensagem que se deseja estabelecer. Seria uma mudança de foco, na qual se observaria, em primeiro lugar, o espaço elaborado e/ou construído, as personagens presentes, o mobiliário, a dinâmica relacional existente e, a partir dessas informações, partiríamos para a construção e/ou entendimento da narrativa. Entendemos que, ao realizar tal “inversão”, poderemos perceber novas hermenêuticas e fazer novas descobertas no ambiente elencado, pois identificaremos espaços como microcosmos sociais.

O espaço sagrado no cristianismo primitivo comunicava o mistério na simplicidade das formas e dos espaços. As casas eram espaços de vivência comunitária, as chamadas *Domus Ecclesiae*. A simplicidade desses espaços refletia a teologia e a comunicação da Igreja nascente, fundamentada na Palavra e no partir do Pão. A comunicação do mistério passou pelos esconderijos e catacumbas, pelo cemitério dos mártires e santos, antes de alcançar os espaços de realeza e esplendor, das basílicas e palácios, deixando evidente o diálogo da fé cristã com a cultura e os espaços de cada tempo. A evolução do espaço litúrgico dos primórdios da fé cristã

à idade média revela a necessidade de comunicar o mistério de acordo com as demandas de cada tempo, do uso de símbolos e de uma iconografia não cristã adaptada à catequese e linguagem cristã. O espaço torna-se lugar do rito, do sacramento.

Para os teólogos dos primeiros seis séculos do Cristianismo, os ritos eram reconhecíveis como “criativos” e os sacramentos considerados “imagens”. Segundo São Basílio, por exemplo, no batismo (que é participação na morte e ressurreição de Cristo: cf. Rm 6) “a água nos oferece a imagem da morte, acolhendo o corpo como num sepulcro”. E, falando da eucaristia, Gaudêncio de Bréscia diz que “o pão é considerado, com razão, imagem do corpo de Cristo”, pois é feito com “muitos grãos de trigo”, que, moídos, amassados com água e assados ao fogo, se tornam sinal amplo de comunhão de muitas pessoas batizadas na água e no fogo do Espírito Santo – pessoas que se tornam, por sua vez, o único “corpo místico” de Cristo, isto é, a Igreja. (VERDON, 2025, p. 19)

O Espaço é imagem do Corpo Místico de Cristo, tema este central para a teologia e eclesiologia paulina. Paulo, por exemplo, em 1Cor 12, 12-27, apresenta a Igreja como corpo, com membros diversos, mas formando a unidade em Cristo. Na liturgia, a assembleia no espaço sagrado torna o mistério comunicável e existencial. O espaço não é apenas físico, mas sacramental, Cristo é a cabeça e a comunidade que celebra seus membros. A estrutura arquitetônica e simbólica do templo material reflete, assim, a constituição espiritual e mística da Igreja enquanto corpo.

O espaço litúrgico comunica mais que o culto em si, mas a expressão visível da fé e da identidade eclesial. Sabemos que a Igreja experimentou profundas transformações teológicas e sociais, não sendo diferente quanto ao campo artístico e arquitetônico. Sinteticamente durante a Idade Média o espaço sagrado consolidou-se como expressão de um microcosmos, revelando espaços teocêntricos, exemplificados pela arquitetura românica e, posteriormente, a gótica.

Durante esse período, o espaço celebrativo reforçava a ideia de separação entre sagrado e profano, sendo importante comunicar que aquele espaço carregava uma marca e força transcendente. Um exemplo são os átrios que na arquitetura da igreja seriam essa separação entre o mundo profano e o lugar do mistério. É o período de uma “[...]nova linguagem, articulada de várias maneiras nas diferentes regiões da Europa [...] que funde elementos clássicos, paleocristãos, bizantinos e germânicos em um estilo homogêneo de grande força e beleza, o primeiro que poderia ser considerado ‘universal’ após o colapso do Império Romano” (VERDON, 2025, p.55).

A passagem para a idade moderna trouxe consigo diversas crises e divergências. A reforma protestante, o renascimento e o pensamento humanista mudaram a concepção e a linguagem dos espaços. As igrejas reformadas buscaram simplificar de forma radical seus

espaços de culto. Por sua vez, a Igreja Católica respondeu com o Concílio de Trento (1545-1563), que reforçou e enfatizou a dimensão do mistério, dos sacramentos, e da presença real de Cristo na Eucaristia. Nesse período surgiu o estilo barroco como linguagem, com uma marcante riqueza ornamental que buscou expressar a glória de Deus.

2. Concílio Vaticano II: apelo por um espaço que comunicasse o mistério pascal de Cristo

Saltados alguns séculos na história, após um considerável período de reflexões e movimentos, o destaque é principalmente do chamado “movimento litúrgico” no início do século XX, que integrou diversos padres, bispos e teólogos ao redor do mundo em busca de uma liturgia que, de fato, comunicasse o mistério pascal de Cristo em sua centralidade, como apresenta Ferreira e Abraão em seu artigo Cipriano Vagaggini e sua contribuição para a construção da *Sacrosanctum Concilium*:

Muitos padres no início do século XX contribuíram decisivamente para o robustecimento do Movimento Litúrgico, entre eles destacam os teólogos Odo Casel, OSB e Romano Guardini. Casel com o livro “O mistério do culto no cristianismo”, publicado em 1932, contribuiu para fundamentar a teologia do mistério pascal, conceito essencial para a reflexão sobre a reforma litúrgica do culto divino. (FERREIRA; ABRAÃO, 2025, p. 45)

Chega-se à reforma litúrgica, com o Concílio Vaticano II (1962-1965), momento de uma comunicação que buscou revitalizar a liturgia, favorecendo a participação ativa dos fiéis e o retorno às fontes da tradição cristã. Nesse momento, a teologia do espaço litúrgico buscou comunicar elementos importantes para a mistagogia, mas que, por vezes, perdeu-se no rigorismo. Como vai recordar a constituição dogmática *Sacrosanctum Concilium* N°124: [...] “Na construção de Igrejas tenha-se grande cuidado para que sejam funcionais quer para a celebração das ações litúrgicas, quer para obter a participação ativa dos fiéis”.

Um dos frutos da reforma litúrgica do Concílio Vaticano II foi o resgate da importância e dignidade da Palavra de Deus, como encontramos no capítulo V da Instrução geral do Missal Romano no N° 309: “A dignidade da Palavra de Deus requer na Igreja um lugar condigno de onde possa ser anunciada e para onde se volte espontaneamente a atenção dos fiéis no momento da liturgia da Palavra”.

Muitos são os desafios para uma plena comunicação dentro da ação litúrgica. Principalmente as interpretações divergentes e a resistência na acolhida do que foi proposto pelo concílio. A pastoral deve buscar cumprir com o mandato do Senhor, sua missão e ajudar aos filhos da Igreja sentir seu “coração arder” (Lc. 24,32) ao escutar as Escrituras, e ao partir o

Pão. A linguagem da Igreja é a unidade, a sua via é a reconciliação, sua força é a Esperança, não condiz com a mistagogia da Igreja uma comunicação que divide.

O edifício material igreja, com todo seu projeto arquitetônico, revela a mística do corpo de Cristo que é a Igreja, com seus membros e a diversidade de dons e carismas. É fundamental retornar a máxima da eclesiologia paulina (1Cor 12). Pode o Corpo de Cristo estar dividido? É possível comunicar bem o mistério de Cristo e sua Igreja, se falta o diálogo entre seus membros? Talvez, o cenário da contemporaneidade não seja o mais otimista para encontrar respostas para os desafios da comunicação eclesial, todavia a via da beleza sempre foi um primoroso caminho para acessar os corações e leva-los ao Pastor Eterno de quem provem toda beleza.

Considerações finais

Este artigo foi iniciado destacando a importância da comunicação e como ela foi apreendida desde os seus conceitos fundamentais até seus aspectos teológicos. A Palavra de Deus forma um núcleo neste processo. Deste modo, ao concluir essa reflexão, foi proposta a premissa de que é fundamental para uma linguagem clara e sem ruídos do mistério que o espaço litúrgico não perca o horizonte da Palavra. Todo espaço pode e deve comunicar o mistério, mas é imprescindível que, para uma profunda comunicação junto à mesa do Pão partilhado, esteja a mesa da Palavra partilhada, que da mesa da Palavra ecoe todo o conjunto arquitetônico e artístico de nossos templos aquela comunicação pascal que brotou dos lábios da discípula Maria Madalena que foi anunciar aos discípulos “Vi o Senhor” (Jo 20,18).

Estamos conscientes de que o percurso realizado é uma síntese, muito condensada, de períodos históricos carregados de complexidade. Nosso desejo, no entanto, é apresentar até aqui: os elementos que consideramos norteadores para um contínuo aprofundamento da temática proposta; a relação da comunicação; e o espaço litúrgico celebrativo.

Nossa pesquisa, até o momento, buscou perceber como ao longo da história estes elementos foram tratados na teologia.

Deus é o remetente de toda comunicação e, na sua Graça, dispôs em sua vontade comunicar ao Ser Humano seu destinatário à sua vontade. Este mesmo Deus utilizou diversas formas para falar e comunicar-se a nós através por exemplo da criação e de mediadores como os profetas. Mas, na dinâmica da Revelação, o ápice do falar, do comunicar de Deus, foi através de seu Filho, a imagem visível do Deus invisível.

Nos desdobramentos desta comunicação, o Ser Humano como intérprete, utilizou formas simbólicas e rituais para acolher todo dado revelado. Foi e continua a ser através dos

espaços de culto uma das formas que os homens e mulheres, em diversos tempos e contextos da história, expressam a conexão e comunicação com o sagrado. Até aqui foi trazida a compreensão de que o espaço litúrgico não busca somente ter um espaço ou monumento para a comunicação do mistério, mas que todo o espaço, cada iconografia, esculturas, todos os polos litúrgicos do espaço divulguem a comunicação que brota do evento fundante da fé cristã.

Referências

DA = Documento de Aparecida

IGMR = instrução geral do missal romano

BÍBLIA. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulinas, Paulus, 2007.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Orientações para projeto e construção de igrejas e disposição do espaço celebrativo*. Brasília: Edições CNBB, 2013.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Orientações para adequação litúrgica, restauração e conservação das igrejas*. Brasília: Edições CNBB, 2021

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Instrução geral do missal romano e introdução ao lecionário*. Brasília: Edições CNBB, 2008.

FERREIRA, Reuberson; ABRAÃO, Sami. *Cipriano Vagaggini e sua contribuição para a construção da Sacrosanctum Concilium*. *Encontros teológicos* v.40, p. 49-69, jan./abr. 2025. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/1937/1551> Acesso em: 25 set. 2025.

FREDERICO, Danielle Lucy Bósio. *Primeiras comunidades cristãs sob o olhar da Hermenêutica dos Espaços*. *Revista Caminhando* v. 26, p. 1-21, jan./dez. 2021

GUIMARÃES, Valdivino (Org.). *Iconografia de Aparecida*. Teologia da Imagem. São Paulo: Paulus, 2016.

MACHADO, Sidney Damasio. *Ver para crer: um percurso espiritual artístico e simbólico*. São Paulo: Angelus Editora, 2021.

Recebido em: 28/10/2025

Aprovado em: 05/12/2025